



PACTO DE CIDADE

CONSENSO POLÍTICO RELATIVO À CANDIDATURA DE COIMBRA A CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA 2027¹

1. Como cidade, temos - ou teremos até ao ano da CEC - a capacidade de acolher um evento de um ano, de âmbito e escala de uma Capital Europeia da Cultura, com centenas de eventos culturais de alto nível, espalhados ao longo do ano?

Sim.

Coimbra acolhe anualmente centenas de eventos culturais de dimensão nacional e internacional em todos os domínios artísticos e do conhecimento, em especial a partir de uma comunidade académica e universitária que participa de redes multipolares de criação e difusão cultural. A sua experiência na organização de eventos de grande dimensão e duração prolongada – Capital nacional do Teatro em 1992, Capital nacional da Cultura em 2003, Jogos Europeus universitários em 2018, entre outros – torna a cidade particularmente apta a assumir um programa exigente pela sua densidade e intensidade. A representação de Portugal como Capital Europeia da Cultura reforçará a estratégia cultural de Coimbra na década 2020-2030 com impactos desejáveis na participação cívica, na educação formal e informal e na produção cultural que antecedem e se prolongam para lá de 2027.

Em 2027 a visibilidade cultural de Coimbra será exponenciada numa sucessão de eventos culturais diversificados e únicos pela sua relevância cultural e social, próprios de uma cidade aberta à mudança e em diálogo permanente com as pessoas, as comunidades e as ideias, numa tradição europeia que aqui perdura e se reinventa todos os dias.

Temos - ou teremos até ao ano da CEC - a infraestrutura física (locais culturais, capacidade de alojamento e conexões de transporte)?

Sim.

¹ Aprovado, por unanimidade, pela Câmara Municipal, em reunião de 22.03.2021, e pela Assembleia Municipal de Coimbra, em sessão de 26.03.2021.

A estratégia cultural de Coimbra incorpora e desenvolve dimensões integradas de requalificação urbana, primazia do espaço público e rede polinodal de locais culturais que alicerçam o reconhecimento pela UNESCO como Património da Humanidade e de vários prémios culturais europeus como da Europa Nostra.

O desenvolvimento turístico de Coimbra e da região centro em que se insere, com forte pendor internacional, gera novas dinâmicas sociais e culturais e deve provocar um empreendedorismo inovador em diferentes áreas do conhecimento que promovam o emprego local e respostas inovadoras nos produtos e serviços de apoio à mobilidade europeia.

Coimbra detém uma posição geográfica fulcral com acessos internacionais ferroviários, portuários e aeroportuários de fácil conexão e em expansão requalificada como a Ecovia e o Metro Mondego. Beneficia ainda de uma resposta bem estruturada e diversificada de alojamento local e regional por diversos operadores privados com vasta experiência internacional. A cidade dispõe ainda de equipamentos de diversas tipologias para a realização de espetáculos / concertos / exposições / performances, e de múltiplos espaços – praças, parques, jardins, conventos, claustros -, muitos deles de carácter patrimonial e vincadamente profissionais para a fruição cultural contemporânea, capazes de acolher eventos de diversificada natureza e dimensão. Isto não impede o reconhecimento de fragilidades nesta área, que devem ser resolvidas, como por exemplo: a criação de uma Companhia Profissional de dança, a abertura de espaços próprios para programação de atividades de dança e para o desenvolvimento de projetos emergentes e a qualificação da programação no domínio das artes visuais com equipa municipal de curadores especializados.

Enquanto projeto mobilizador de nível local, regional e nacional, a Capital Europeia da Cultura 2027 em Coimbra alargará o âmbito geográfico muito para além do perímetro urbano da cidade, num envolvimento e abrangência que integra a região envolvente e o próprio País num esforço concertado de desenvolvimento sustentável e na oferta, rica e múltipla, em alojamento, conexões e mobilidade, programação em rede e participação cívica dos cidadãos, com especial acuidade para as populações mais desfavorecidas e com menor acesso a bens culturais. Por fim, destacamos a capacidade cultural única do Museu Nacional Machado de Castro, galardoado com o prémio europeu Piranesi / Prix de Rome, do Convento São Francisco, dos Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, dos Teatros Municipais e Teatro Académico de Gil Vicente, de todas as infra-estruturas de elevado interesse educacional e cultural reconhecidos como Património da Humanidade da Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia –com destaque para o Pátio das Escolas, a Biblioteca Joanina e os Colégios –, do Círculo de Artes Plásticas, do Jazz ao Centro, da Orquestra Clássica do Centro no Pavilhão Centro de Portugal, do Centro de Artes Visuais e da policêntrica Bienal de Arte Contemporânea, da Casa da Escrita e da Casa-Museu Miguel Torga, da Torre de Anto e casas de Fado, das várias secções e diversos organismos autónomos na centenária Associação Académica de Coimbra. A completude dos espaços culturais de Coimbra abrange necessariamente importantes infra-estruturas culturais regionais – como Conímbriga e o Museu Poros, as Aldeias de Xisto ou o Parque Arqueológico do Côa, por exemplo – projectando dimensões relevantes e complementares na arquitectura, nas artes, na antropologia e etnografia, na ciência e no conhecimento. O desenvolvimento de parcerias digitais nacionais e internacionais abrem um novo campo de trabalho artístico, científico e cultural que constituem uma infra-estrutura tecnológica adicional ao serviço da estratégia cultural de Coimbra.

Temos - ou teremos até ao ano da CEC - a “infraestrutura humana” necessária para acolher uma CEC (um setor cultural ativo e bem relacionado, que mistura instituições públicas e ONGs, departamentos da Câmara Municipal prontos a colaborar, serviços de linha da frente para visitantes da cidade com as aptidões certas, programas de capacitação, etc.)?

Sim.

O reconhecimento da Universidade, Alta e Sofia como Património da Humanidade em 2013 correspondeu a um esforço estratégico concertado de Coimbra que se desenvolve e amplia na concretização da Capital Europeia da Cultura em 2027.

A maior força cultural de Coimbra reside, precisamente, na sua capacidade humana. Ao longo de séculos, Coimbra vem acolhendo anualmente milhares de estudantes, professores, cientistas, humanistas, seminaristas, criadores, descobridores e inventores, numa amálgama reflexiva, criativa e crítica que estabelece uma cidade do conhecimento de escala europeia.

A cidade dispõe de um setor cultural ativo, com reconhecidas experiências de parcerias que envolvem o vasto conjunto de operadores de largo espectro artístico, dos cultores vanguardistas da experimentação às coletividades de cultura de base popular.

A capacitação específica para o ano 2027 decorre, naturalmente, da amplificação cultural em curso e do planeamento executivo pormenorizado – e os serviços da Câmara Municipal dispõem já de um conjunto de competência mobilizáveis para o projeto - que sustenta uma estratégia cultural de franco envolvimento cívico, económico e social de toda a comunidade local, regional e nacional. Neste sentido, Coimbra será a Capital Europeia da Cultura em Portugal, aberta ao mundo e à sua diversidade artística e cultural

Temos ou teremos uma estratégia para desenvolver os vínculos internacionais necessários?

Sim.

Coimbra é uma cidade europeia desde a sua fundação, pela sua história, pelo papel que teve na formação da Europa do saber, pela competitividade da sua investigação e da sua inovação tecnológica, pela ressonância das suas criações artísticas. Como entidade cultural, a cidade é, pois, já uma forte textura europeia e internacional, beneficiando de uma centralidade reconhecida a nível europeu com epicentro na sua Universidade – a designação de “Coimbra Group” para a associação do conjunto das Universidades mais antigas da Europa e a de Grupo Coimbra das Universidades Brasileiras, CGUB, para uma malha de instituições de alto nível científico no Brasil é disso plenamente ilustrativo. Os vínculos internacionais de Coimbra, materiais e imateriais, abrangem todas as geografias políticas e culturais, abrindo infinitas oportunidades de programação e intercâmbio internacionais à própria Europa (Cena Lusófona, World Piano Meeting, Rede de Cidades geminadas, Rede das Cidades do Iluminismo, etc). A agenda mundial de sustentabilidade ambiental e o New Green Deal europeu terão em Coimbra o fórum crítico útil para a intensa transformação societal que se forjará nesta década. A diáspora cultural de Coimbra é única em Portugal e comparável, favoravelmente, com as principais capitais europeias de cultura e conhecimento. O aprofundamento das relações multilaterais na década em que Coimbra representa Portugal – e especificamente no ano 2027 – far-se-á através de embaixadores culturais dedicados numa rede internacional que se ative regularmente em torno do progresso humano e social do mundo. Necessário é agora consolidar zonas dessa imensa rede e incentivar o estabelecimento de vínculos internacionais onde eles se revelem eficazes e adequados ao aprofundamento da estratégia de longo prazo da cidade.

Temos a competência interna necessária para executar o projeto desde o desenvolvimento inicial até à sua preparação, implementação e avaliação?

Sim.

O conjunto de competências críticas para a assunção do título de Capital Europeia de Cultura é constitutivo do propósito. Coimbra detém essas competências executivas acrescidas das capacidades analíticas e reflexivas que decorrem da sua estratégia secular de afirmação cultural e de abertura ao mundo. A experiência acumulada em sucessivos eventos de grande escala e complexidade – como a Capital Nacional da Cultura em 2003, o World Health Alliance Forum em 2018 ou os Jogos Europeus Universitários em 2018 – têm ocorrido com assinalável sucesso organizacional e público. Acresce que Coimbra detém o maior número de estudantes estrangeiros presentes em Portugal, em especial provenientes da União Europeia, e que já envolveu num programa de voluntariado cultural e cívico permanente com as instituições e eventos culturais regulares ou extraordinários da cidade e da região. A recente constituição do Conselho Municipal de Cultura é um importante instrumento de garantia da consonância do projeto com os interesses e as aspirações culturais da cidade. O GT constitui também um garante da linha de rumo da candidatura e, mais tarde, da concretização da CEC. O facto de ter sido constituído em condições de independência do poder político municipal, mas por sua iniciativa, assegura-lhe condições, simultaneamente, de autonomia e de vínculo às instituições autárquicas e ao tecido cultural da cidade. Se houver falta de competência interna e esta precisar de ser complementada com competência e consultoria externas, como garantiremos que o projeto permaneça autêntico e continue a ser propriedade da própria cidade, dos seus habitantes e das várias partes interessadas, e de que a visão CEC reflita as aspirações de muitos e não de poucos? A recusa de um modelo festivo de evento para a Capital Europeia da Cultura em 2027 é determinante para a autenticidade e sustentabilidade do projeto. Neste sentido, o ano 2027 será marcado pela necessidade de maior visibilidade e confluência de iniciativas culturais exigindo natural e reforçada abertura a ideias e práticas e atos culturais que densifiquem a estratégia cultural 2020-2030. Não estando a cidade fechada sobre si mesma, em

modo de autossuficiência, haverá naturalmente competências a procurar no exterior, em atitude de complementaridade, de enriquecimento e de valorização.

A participação cívica e cultural dos cidadãos de Coimbra e da sua Comunidade Intermunicipal de 500.000 pessoas é uma fundamental condição de partida e um objetivo de chegada, com especial foco no poder transformativo educacional associado à capitalidade cultural europeia. As aspirações transversais e civilizacionais da população implicam um processo reiterado de auscultação, participação e comunicação, num mecanismo endógeno de boas práticas públicas e de inovação social, capaz de dar visibilidade ao carácter regional do projeto e ao desafio que um território urbano/rural pode conter sobre políticas culturais inovadoras de envolvimento das populações, nomeadamente de idade maior, crianças e jovens.

A unidade passa por uma sólida coordenação, a realizar pelo GT que garante a execução de todo o processo até 2027, e a coerência resulta de um plano estratégico para a cultura bem definido e previamente validado.

2. Estamos prontos, enquanto cidade, para ir além do “mais do mesmo” no campo da cultura?

Sim.

A agenda cultural da cidade é regular, diversificada e de grande qualidade. As virtualidades dos operadores culturais e artísticos evidenciam uma forte capacidade criativa instalada, que se revela com frequência. Estas virtualidades, por efeito da função “catalisadora” da CEC, permitirão dar o “salto qualitativo” que faça subir o grau de criação artística, de receção pública e de envolvimento para um plano mais exigente. Coimbra detém um fenótipo de irreverência bastante exclusivo que contesta a marca do tempo e uma visão magistral das coisas. Na oportunidade de uma década, aqui se levantarão as vozes e as mãos – antes, durante e depois de 2027 – que constroem um devir de menor fragilidade e maior bem. O mesmo não é o nosso fado. Coimbra tem outro Fado, artesão e mestiço, profano e comunitário, ora cantado em baladas ora sussurrado nas entrelinhas em bandas de garagem. Neste exemplo irrepetível e único, já somos muito mais do que o mesmo. Sob o lema ‘correntes de mudança’, Coimbra personifica a exigência contemporânea do propósito, interpelando a pluralidade, a diferença, a criação e a participação, mas igualmente o sentido coletivo, o legado e a tradição.

Correntes de Mudança reflete a disposição de ir além de “mais do mesmo” no campo da cultura e valorizar a diversidade, co-criação, participação inclusiva.

Estamos prontos para explorar novas formas de apoiar a cultura, de interagir com as nossas partes interessadas do mundo da cultura e outros setores da vida da cidade, de promover o envolvimento do público nos nossos diversos bairros?

Sim.

Há operadores culturais e artísticos com atividade permanente cujo programa é “promover o envolvimento do público nos nossos diversos bairros”. Há instituições de ensino que habilitam para a intervenção inovadora nas relações entre a cultura e as comunidades. As práticas para a participação e desenvolvimento de públicos são desenvolvidas por agentes culturais locais de forma inovadora, numa prática de investigação-ação que contribui, para além da criação, para a produção de conhecimento nesta área e que deve ser potenciada com este projeto.

Neste trabalho, que está em curso, assumem particular relevância a criação do Conselho Cultural - e o permanente contacto com os agentes culturais e educativos agora potenciado pelo Conselho – e o «Estudo sobre as práticas de participação cultural no município de Coimbra», encomendado pela Câmara Municipal de Coimbra ao Centro de Estudos Sociais e que será certamente aprofundado em estudos seguintes. Além de um programa de comunicação forte e bem dirigido.

Podemos dar-nos ao luxo de aumentar o nosso investimento em cultura para o projeto CEC e de manter o esforço para além do ano do título, para garantir a continuidade e o legado?

Sim.

O que é instrumental deve servir bem o que se torna essencial. Numa década de transformação cultural, Coimbra tem a obrigação de otimizar recursos financeiros de fontes públicas e privadas na correlação eficiente com os

resultados alcançados. A Capital Europeia da Cultura será em 2027 uma prova da boa gestão contemporânea – a sustentabilidade como política pública no cruzamento eficiente das dimensões ambiental, económica, cívica, social e cultural. Coimbra é já hoje uma cidade com importância regional, nacional e internacional, condição que a candidatura naturalmente potencia, a todos responsabilizando. O desenvolvimento de um processo que irá em crescendo mudará o paradigma da cidade e garantirá a continuidade após 2027.

3. Estamos prontos, enquanto cidade, para nos abirmos à Europa?

Sim.

Nos melhores momentos da sua história, a cidade de Coimbra é uma cidade europeia. Mesmo em períodos fortemente repressivos que marcam a cidade e o país, cidadãos de Coimbra (intelectuais, universitários, cientistas) mantiveram abertas e frutuosas as relações com a Europa.

O alinhamento estratégico de Coimbra com os designios europeus é facilmente comprovável pelo forte investimento em inovação tecnológica, científica e social, saúde e ciências da vida, investigação em cultura e desenvolvimento regional, património e requalificação urbana, mapeamento cultural e participação comunitária, ambiente e espaços verdes através de programas comunitários específicos e com forte co-promoção institucional.

A participação de investigadores e centros de saber de Coimbra em programas europeus confirma esse alinhamento e bem assim uma participação activa dos sectores privado e social em diversos projectos, parcerias e redes transnacionais europeias. A estratégia cultural de Coimbra implica uma coordenação integrada de recursos e meios europeus na implementação dos objectivos de desenvolvimento sustentável, numa abertura intrínseca aos objectivos ambientais, económicos, sociais e culturais da Europa para 2030. Coimbra é Europa (sempre foi e tem tudo para o continuar a ser).

Estamos dispostos a dialogar com o resto da Europa e do mundo, e refletir sobre a contribuição que gostaríamos de dar ao projeto de integração da UE?

Sim.

Quando, em 1867, Portugal decidiu abolir a pena de Morte – de forma pioneira em termos europeus – Coimbra foi essencial para esse enorme progresso civilizacional. O diálogo de Coimbra no contexto europeu – desde a fundação da nacionalidade e do Mosteiro de Santa Cruz à publicação dos Conimbricenses seiscentistas, de Pedro Nunes a Santo António – é uma marca perene da vivência cultural da cidade. Esse é o quotidiano de uma cidade como Coimbra, onde a Europa nasceu e cresceu muito antes de ser UE! O legado histórico de Coimbra é demonstrativo desta capacidade de diálogo e a mobilização de toda a comunidade nesta direção será o garante do sucesso que todos esperamos para a consolidação europeia.

Estamos prontos, enquanto cidade, para explorar ainda mais as muitas expressões culturais diferentes - incluindo aquelas provenientes de comunidades migrantes - presentes no nosso território, e expor a nossa população à riqueza e diversidade de expressões culturais vindas do exterior?

Sim.

Por atração da sua Universidade e do Instituto Politécnico de Coimbra, mas também pelo deslumbramento, pelos recursos e pelas condições oferecidas pela região, há um número significativo de migrantes que transformaram a cidade/região numa comunidade que é já multilinguística e que se torna, cada vez mais, multicultural. Coimbra é, proporcionalmente, a cidade mais multicultural do país, pela sua população, pelos seus estudantes, e, com a sua região, conta com comunidades migrantes com expressão traduzida no movimento associativo e cultural a que deverá ser dado crescente relevo. A criação e produção cultural sustentada e realizada em diálogo com estas minorias é um canal privilegiado para promover expressões culturais diversificadas, reforçando o seu papel na construção de alternativas culturais e artísticas progressivas.

A presença e a dinâmica destes diferentes atores existentes na cidade e região são hoje já uma realidade que deve ser incrementada até 2027.

Coimbra, 15 de Março de 2020

Grupo de Trabalho Coimbra 2027

António Pedro Pita
Cristina Robalo-Cordeiro
Luis de Matos
Luis Menezes
Manuel Rocha
Nuno Freitas